

## COMENTÁRIO BÍBLICO

### 28º Domingo Comum – Ano A

11out2020

Deuteronomio 34,1-12; Salmo 135,1-14; Filipenses 4,1-9

S. Mateus 22,1-14

*<sup>1</sup>Mais uma vez Jesus se serviu de parábolas para lhes dizer: <sup>2</sup>«O reino dos céus é semelhante a um rei que preparou uma festa de casamento para o seu filho. <sup>3</sup>Mandou os criados chamar as pessoas que tinha convidado para o casamento, mas esses convidados não quiseram ir. <sup>4</sup>Então o rei enviou outros criados com esta recomendação: “Digam aos convidados: Olhem que o banquete já está pronto. Já mandei abater os bois e as reses gordas: está tudo preparado. Venham para a festa!” <sup>5</sup>Mas eles continuaram a não fazer caso e foram-se embora, um para a sua fazenda, outro para o seu negócio, <sup>6</sup>e os restantes agarraram os criados, bateram-lhes e mataram-nos. <sup>7</sup>O rei ficou furioso. Mandou as suas tropas com ordem de matar aqueles assassinos e de lhes incendiar a cidade.*

*<sup>8</sup>Depois disso, o rei disse aos criados: “A festa do casamento está pronta, mas os convidados não eram dignos. <sup>9</sup>Vão, portanto, pelas ruas e caminhos e convidem para o banquete todos os que encontrarem.” <sup>10</sup>Eles saíram para as ruas e juntaram todos os que conseguiram encontrar, tanto bons como maus. A sala do banquete ficou cheia de gente. <sup>11</sup>Ao entrar na sala para ver as pessoas que estavam à mesa, o rei viu um homem que não estava vestido com o traje habitual de casamento <sup>12</sup>e perguntou: “Amigo, como é que entraste aqui sem a roupa própria de casamento?” O homem ficou calado. <sup>13</sup>Então o rei disse aos criados: “Amarrem-no de pés e mãos e atirem-no lá para fora para a escuridão. Ali haverá choro e ranger de dentes.”*

*<sup>14</sup>De facto, os convidados são muitos, mas os escolhidos poucos.»*

1. Este texto do Evangelho parece combinar duas parábolas: uma, a do banquete nupcial (v<sup>os</sup> 1 a 10), análoga à do evangelho de S. Lucas 14, 16-24; outra, a do juízo final (v<sup>os</sup> 11 a 13). Até a conclusão (v<sup>o</sup> 14) tem mais a ver com a primeira parte da parábola do que com a segunda. No entanto, para além do enquadramento da confrontação entre Jesus e as autoridades religiosas, a parábola nos seus pormenores levanta questões de grande interesse para o nosso crescimento na fé.

Nem sempre temos disso consciência, mas, as inúmeras preocupações da nossa vida quotidiana – *a fazenda, o negócio, etc.* – diminuem a nossa sensibilidade aos gestos de relação e amizade, como este de alguém que convida para um banquete. Na verdade, preparar uma festa, um almoço, um banquete para outros, se tal vier do fundo do coração e não por qualquer interesse premeditado, significa dizer-lhes quanto gostaríamos de tê-los na intimidade da nossa mesa. É o que Deus faz conosco na pessoa de Jesus Cristo. Como Pai bondoso convida-nos para as núpcias de seu filho e chama-nos incessantemente a tomar parte da Sua alegria. E mesmo quando o convite é rejeitado, Deus misericordioso não desiste e alarga a convocatória a muitas mais pessoas e a outros lugares. E, assim, *“a sala do banquete ficou cheia de gente”* (v<sup>o</sup> 10).

2. Mas, um dos convidados “*não estava vestido com o traje habitual de casamento*” e foi excluído. Segundo os entendidos, na cultura oriental daquele tempo, quem convidava oferecia o traje nupcial, o que quer dizer que aquele homem se não o usava é porque o tinha rejeitado. Isto é, aquele convidado aceitou a oferta do Rei, mas não quis assumir a responsabilidade correspondente, e não vestiu o traje nupcial.

Sabemos que existe uma enorme variedade de *trajes* ou vestuários apropriados a certas profissões e funções. Também, em certos eventos formais, por força de regras de protocolo, requer-se o uso de roupa formal, o que se não for cumprido é entendido como quebra de etiqueta e falta de respeito para com o anfitrião. Ou seja, na vida em sociedade o *traje* confere uma identidade a quem o usa. O traje de cozinha, para o cozinheiro; o traje académico (capa e batina), o traje de médico e traje de cirurgião, o fato de treino para quem se exercita a caminhar, etc. Para cada tempo, para cada função, para cada momento do dia há um traje a condizer e a identificar quem o usa. Portanto, podemos comparar o *traje nupcial* da parábola àquilo que identificava a pessoa com o evento que ocorria, o banquete nupcial, como o emblema duma pertença, duma afirmação, dum estado de espírito. E o homem foi excluído porque pelo não uso do traje demonstrou que não se identificava com o que estava a acontecer. Por isso a segunda parte da parábola contém uma forte interpelação que nos é dirigida: qual o *traje* que devemos usar como cristãos? No batismo diz-se que, “*em Cristo, passamos das trevas para a luz*” e, assim, ganhámos um *traje*, uma marca, um emblema, que temos de *usar* sempre até que o Senhor nos chame à Sua glória. Esse *traje* é a aceitação convicta da ‘transcendência’ na nossa vida, mesmo sem saber explicar, ou seja, a existência de algo que está acima e mais além do nosso imediato, que extravasa o que nos convém no momento, o que desejamos e apetecemos, o que justifica os nossos interesses, orgulhos e vaidades. E, se usamos devidamente esse *traje*, se se toma a sério a ‘transcendência’ – o que é ‘último’, ‘definitivo’ –, se Deus é o mais importante, o primeiro, no nosso quotidiano, os nossos desejos e ambições ficam subordinados a princípios éticos que nos fazem melhores pessoas, mais úteis aos outros e também mais felizes na nossa intimidade. Será que cada um de nós assume acompanhar a sua fé com obras da justiça do Reino, usando alegre e responsabilmente o seu *traje* de filho e filha de Deus?

3. Para finalizar, vale a pena refletir no que é que terá levado a que os primeiros convidados tenham rejeitado o convite do Rei para o banquete. Temos por certo que era gente de alta posição social e de muito dinheiro, pois, tinham “*terras*” e “*negócios*”, tinham outros afazeres com que se preocupar. E sabemos por experiência própria que os que estão materialmente satisfeitos e com bens abundantes não querem misturar-se com os demais, em especial os de classe social inferior. Gostam de estar com quem vive a abundância, os mesmos privilégios e distinções, mantendo as distâncias com os outros. O teólogo Anselm Grün, monge beneditino alemão, no livro “*Diz lá, Tio Willi*” (Paulinas, 2017, pág. 58), refere que o célebre terapeuta suíço C. G. Jung afirma: “o maior inimigo da transformação é uma vida bem-sucedida. Se eu tiver êxito exteriormente, não terei nenhuma razão para mergulhar no íntimo e para me transformar, cada vez mais, na figura e na imagem que Deus pensou para mim.” E, continuando, disse ainda: “A riqueza em si não é má. Mas tende a reforçar as máscaras pessoais. E então separa-nos dos nossos corações.” (idem, pág. 66). Percebemos, então, porque é que os primeiros convidados não quiseram ir ao banquete e, também, porque a sala do banquete ficou cheia de gente, “*tanto bons como maus*”. O comportamento dos prepotentes não agrada ao Pai. Rejeitam o *traje*, a vivência da natureza divina como princípio e fim nas suas vidas.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana